

MORRE TANCREDO, NÃO A ESPERANÇA**Saudoso, paulistano volta ao trabalho**

O paulistano guarda uma grande saudade — misto de dúvida e temor pelo que possa vir a acontecer — mas de fato despediu-se de Tancredo Neves no aeroporto de Congonhas, onde foi, em massa, dar seu impressionante adeus ao estadista morto. Ontem, voltava ao trabalho sem acompanhar, pelos noticiários, as cerimônias fúnebres em Brasília, ou, ainda durante o dia, as homenagens de Belo Horizonte.

Não se pode dizer que já tenha superado emocionalmente todos os momentos históricos que viveu com o presidente lutando contra a morte num hospital de Pinheiros e recebendo a maior carga de informações do País. Onde menos se pode esperar, surge uma atitude de respeito que muito se aproxima do luto sincero. Como numa loja de discos da rua Quintino Bocaiuva, no Centro, onde o serviço de som transmitia, durante a tarde, algumas valsas de Straus, contrastando com os movimentados xaxados e rocks, oferecidos nos balcões de amostras. A caixa Edna Maria Fonseca diz que "o seu Luís, quando abriu a casa me pediu para selecionar umas valsas e músicas clássicas. Quería um som mais maneiro, disse que ele e o Brasil ainda estavam de luto. Estou fazendo o que ele mandou mas acho que a vida continua e pior ainda do que estava, porque agora nem esperanças temos mais de que mude alguma coisa". Edna tem 19 anos, parou de estudar porque "não dava para fazer as duas coisas junto e, hoje, apenas trabalho sem maiores esperanças de qualquer mudança que melhore a minha vida. Com o Tancredo até chegou um momento em que pensei que esta coisa ia mudar, mas não levo nenhuma fé nos que ficaram aproveitando o espaço que ele deixou". E continuou colocando mais algumas valsas vienenses no toca-discos: "Questão de respeito, não é?"

Mas há quem tenha visto tristeza na expressão do paulistano em geral. Aqueles que saíram cedo de casa, ainda com o impacto de uma segunda-feira de muita emoção e não es-

conderam que voltavam a trabalhar já num país em nova transição. Eles passaram pelas catracas da estação Cruzeiro do Sul do metrô, e foram "fotografados" pela controladora Maria Marques, de 36 anos, que se acostumou a acompanhar a reação dos passageiros "nestes últimos importantes meses em que o País vem passando por tantas mudanças". Maria Marques não viu ninguém com olhos vermelhos, por ter chorado em casa, como quis deixar bem claro, mas sentiu "o povo diferente nesta terça-feira sem Tancredo. Muitos, comentavam tantos detalhes da morte como as possibilidades de um futuro com Sarney. Acho que não confiam muito no homem da Frente Liberal. Mas, acima de tudo, mostravam respeito. Por puro instinto, afinal, ninguém tinha pedido para se comportarem assim, falando num tom mais baixo, sem as costumeiras brincadeiras que ouço, por horas a fio, aqui nesta passagem do mundo", diz Maria referindo-se ao período que fica controlando as catracas da grande estação.

Na rua Riachuelo, um grupo de estudantes conversa junto à porta dos fundos da Faculdade de Direito do Largo São Francisco. Discute-se algo sobre o currículo escolar e o corredor que leva ao Centro Acadêmico XI de Agosto também não dá sinais de que a morte de um presidente e a



O BRASIL SEM TANCREDO

ascensão do vice seja motivo para conversas mais acaloradas, pelo menos ali. Já na sala da secretaria, o quintanista Fernando Haddad dá uma declaração formal: "A morte de Tancredo faz com que a Nação fique na expectativa, já que ele era o depositário das esperanças. Não tenho nenhuma confiança na Frente Liberal, como projeto. Nós tínhamos uma confiança pessoal em Tancredo, não como representante de um pacto de elite. A partir do momento em que ele morreu, a Nação fica angustiada e o verniz da Nova República descola e põe a nu a fragilidade e conservadorismo do pacto firmado", diz Haddad, para concluir que só a convocação de uma Constituinte, agora, dará legitimidade a este mais novo governo que se instala.

Bem mais esperançosos são dois amigos que conversam numa esquina da rua São Bento. Mário Tonzar, ourives, italiano, costuma encontrar-se ali com Berin Sbampato, um corretor que "ainda trabalha um pouco e vê o Brasil com muita esperança nesta mudança que é real, pois vamos chiar se os sucessores não respeitarem as idéias deixadas pelo doutor Tancredo". O amigo Tonzar concorda, "é só seguir o exemplo", mas não esquece de impor condições: "Eles têm é que deixar de lado o egoísmo e a valdade, que os brasileiros estão aí é para ajudar". Berin, 74 anos, no entanto, ressalva que vai ser difícil encontrar-se homens como "este que pode ter sido um pouco desleixado com a saúde, mas que prorrogou seu tratamento para não causar mais traumas institucionais a este país sofrido".

E foi exatamente do homem que um mecânico da Lapa se lembrou quando vinha trabalhar, ontem, bem cedo. Domingos Prieto, instrução primária, diz que ouvia os noticiários quando pensou: "Diabo, será que eu seria capaz de me sacrificar assim pelo País? Fugir do Hospital porque a Pátria não pode esperar pelas coisas importantes que eu tenha que fazer por ela? É gostar muito dos outros, não?" E voltou sério para o motor que desmontava.